

# LIÇÃO DE CASA

temas ilustrados pelo leitor



Aurora Boreal no Alasca, nos arredores de Fairbanks, em foto do leitor Adriano Mendes com uma zoom grande angular Tamron em 14 mm

Adriano Mendes

## A ARTE DE FOTOGRAFIAR COM **grande angular**

POR LAURENT GUERINAUD

Objetivas de distância focal curta têm muita personalidade e, se bem utilizadas, geram composições muito dinâmicas. Saiba mais

**P**or causa da abrangência extensa, uma objetiva com distância focal curta ganhou o nome técnico de grande angular, ou seja, ângulo de visão amplo. Entram nessa categoria todas as lentes com distância focal inferior à de uma objetiva “normal”, no caso, menos que 50 mm para o sensor *full frame*, de 30 a 35 mm para o sensor APS-C e 25 mm para o formato Micro 4/3 (metade do *full frame*).

Essas pequenas distâncias focais são muito queridas principalmente pelos fotógrafos de paisagem, de arquitetura e de reportagens diversas porque permitem abraçar um campo bem largo. Contudo, seria uma pena limitar o uso dessas objetivas compactas e leves somente a esses segmentos da fotografia: bem utilizadas, servem em muitas situações, do retrato documental ao céu estrelado, do registro de grupos de pessoas ou famílias ao futebol, quando



A beleza da paisagem do Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros em foto de Jorge Diehl com uma zoom 17-35 mm

são colocadas atrás do gol para serem disparadas remotamente.

Mas, uma grande angular impõe muito rigor na composição para gerar uma imagem equilibrada e estética. Quanto menor a distância focal, mais amplo fica o campo abrangido (que cabe no visor), podendo incluir um grande número de elementos no quadro, o que aumenta muito a dificuldade em combiná-los de forma harmoniosa.

## PONTO DE VISTA

O elemento determinante ao fotografar com grande angular é o ponto de vista. Ele é primordial na construção da imagem, já que determina a perspectiva. Quanto menor a distância entre a câmera e o tema, ou a cena fotografada, maior o efeito da perspectiva: o primeiro plano se sobressai em relação aos demais planos componentes, que parecem muito afastados uns dos outros, e as linhas de fuga convergem fortemente. Bem usada, tal perspectiva rende composições muito dinâmicas, dando ao observador

a sensação de estar dentro da cena.

Assim, na prática, uma grande angular é muito adequada à realização de fotos com perspectiva muito marcada: seu amplo ângulo de visão permite que o fotógrafo se aproxime muito do tema ou do primeiro plano, ressaltando-o, sem renunciar a um enquadramento bem alargado. Para determinado enquadra-

mento, quanto menor a distância focal, mais perto o fotógrafo precisa se posicionar, aprende-se na prática.

## PRIMEIRO PLANO

Um dos principais diferenciais da grande angular é a possibilidade de valorizar e destacar o primeiro plano, que, idealmente, deve estar a serviço do tema principal ao conduzir o



Farol Califórnia, em Aruba, em foto do leitor Riedel Pedrosa com a zoom básica 18-55 mm em grande angular



Ederaldo Ribeiro

**A Via Láctea em  
imagem captada pelo  
leitor Ederaldo Ribeiro  
com uma zoom  
Tokina 11-20 mm**

olhar do observador até ele. Uma solução muito proveitosa é posicionar o elemento principal do primeiro plano em um canto (inferior esquerdo, por exemplo) e o tema do lado oposto (terço superior direito, no caso) com a finalidade de criar uma linha imaginária forte entre ambos, que pode sustentar o resto da composição.

O efeito produzido é máximo quando o tema está posicionado em um dos quatro pontos fortes da

imagem, situados nos cruzamentos das quatro linhas imaginárias (duas verticais e duas horizontais) que dividem a imagem em três porções iguais, tanto na largura quanto na altura. Da mesma forma, as linhas horizontais ou verticais principais, como a do horizonte, por exemplo, o que ganham ao serem posicionadas nos terços, e não no centro do quadro: o fotógrafo precisa escolher entre o céu e a terra (ou o mar).

São preceitos previstos pela antiquíssima regra dos terços, ótimo ponto de partida para ajudar na composição. Contudo, ela não deve ser uma camisa de força. Uma vez dominada a técnica, a regra pode ser quebrada de propósito para servir à criatividade do fotógrafo. Ou seja, a centralização do tema, por exemplo, quando decidida conscientemente por um fotógrafo que domina a regra dos terços, pode ser benéfica, notadamente para enfatizar um efeito de simetria ou de harmonia.

A adição de um terceiro elemento de destaque pode igualmente reforçar a composição quando se brinca com a dissimetria. Outra forma de intensificar a relação entre os elementos é se apoiar em semelhanças ou oposições, em termos de cor, densidade, tamanho, textura... São casos em que a gestão dos planos é primordial para guiar o olhar do observador ao tema.

Os elementos secundários da composição não devem perturbar a leitura da imagem, e sim facilitá-la. Nesse intuito, é imprescindível prestar muita atenção a tudo que possa



Luís André Sampaio

**Futebol de várzea na Ilha de São  
Vicente, em Cabo Verde, em foto de Luís  
André Sampaio com lente 16-35 mm**



O leitor Antonio Machado registrou o Palácio do Planalto, em Brasília, com uma zoom Sigma 10-20 mm

Antonio Machado

ser visto como elemento perturbador (pessoas ou animais deslocados da cena, formas geométricas, cores chamativas, sombras ou manchas de luz, entre outros) e eliminá-los, principalmente no plano de fundo. É igualmente recomendável evitar sobreposições de elementos posicionados em planos diferentes, ainda mais se eles se parecerem.

## EXPOSIÇÃO

Devido ao grande ângulo de visão, que permite incluir numerosos elementos no quadro, possivelmente com forte variação de luminosidade, a exposição é mais difícil de acertar com uma pequena distância focal. Na maioria dos casos, o modo de medição multizona é o mais comumente utilizado e rende resultados corretos. Porém, a taxa de sucesso com grande angular pode ser menor em função de potenciais desvios entre sombras e zonas luminosas incluídas no quadro.

Em algumas situações, o contraste de iluminação ultrapassa o alcance dinâmico da câmera, a amplitude de tonalidade que o sensor consegue registrar entre as zonas mais claras e mais escuras. Nessas condições, é impossível evitar zonas es-

touradas (brancas, sem detalhes) ou totalmente pretas. Por causa disso, o fotógrafo precisa definir se favorecerá as zonas claras ou as escuras e corrigir a exposição para ter sucesso.

Diante desse problema, a melhor solução consiste em passar a câmera para o modo de medição *spot* e medir a exposição nas zonas da cena a privilegiar. Contudo, a medição *spot* requer um mínimo de experiência para alcançar bons resul-

tados: ela é 100% assertiva somente quando a zona de medição tem taxa de refletividade da luz próxima à de um tema "médio" – equivalente a um cartão cinza que reflete 18% da luz recebida, produto que pode ser encontrado em lojas de acessórios fotográficos. Nos demais casos, o fotômetro da câmera vai corrigir a exposição para que se aproxime de um resultado-padrão com tema "médio", escurecendo a imagem se

Julius Dadalti



Tartaruga marinha registrada por Julius Dadalti no Havaí com câmera em caixa-estaque com lente 16-35 mm



Alberto Pontes Garcia Junior

**Oculus Subway Station, do One World Trade, em Nova York, em foto do leitor Alberto Pontes Junior com uma Fuji XT20 com lente de 28 mm**

a zona de medição for clara ou clareando se for escura.

Como a leitura automática do fotômetro pode falhar, o ideal é ajustar a exposição manualmente, como nos velhos tempos. Assim, temas escuros necessitarão de subexposição, ou seja, correção para menos (-), enquanto temas claros precisarão de superexposição, correção para mais (+), para serem corretamente reproduzidos. A memorização da exposição, o histograma da imagem ou o modo *bracketing* são outras ferramentas muito úteis para auxiliar o fotógrafo em condições difíceis de luz.

Por fim, a amplitude da grande angular permite também fotos em velocidades de obturação mais baixas sem prejuízo do desfoque por movimento da câmera (comuns e muito evidentes quando se usa teleobjetiva). E cada uma das distâncias focais pode ser explorada com ousadia e criatividade, seja uma olho de peixe (12 a 15 mm) ou as mais clássicas, como as fixas 20 mm, 24 mm e 35 mm. Não há limite, desde que usadas com bom senso.



Felipe França

**Acima, a cruz do Coliseu de Roma em foto de Felipe França com lente 17-40 mm; abaixo, foto do leitor Fred Nogueira com zoom na posição 18 mm e um acessório chamado Spiratone Curvatar, que simula o efeito de uma lente olho de peixe**



Fred Nogueira

### Mande sua foto para a seção Lição de Casa

Caso você tenha uma foto bacana sobre o tema, envie-a para a redação da revista pelo e-mail [fotografe@europanet.com.br](mailto:fotografe@europanet.com.br). Coloque no assunto "Lição de Casa". Cada leitor pode mandar apenas uma foto. As imagens enviadas serão avaliadas e poderão ser usadas no artigo de Laurent Guerinaud. Apenas as que forem selecionadas pela redação serão publicadas. Veja os próximos temas e a data-limite para enviar a foto:

- 262 Fotos captadas com teleobjetiva; até 8 de junho
- 263 Fotos que mostrem domínio do flash; até 9 de julho
- 264 Fotos com o tema chuva; até 9 de agosto